



Cartesius dissoluto

Dissolute Cartesius

Danilo Bernardes Teixeira

Faculdade Cásper Líbero (FCL), São Paulo, São Paulo / Brasil

danislau@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9922-9379>

Resumo: No romance *Catatau*, de Paulo Leminski, uma personagem reconhecível se projeta: Renatus Cartesius, produtor do imenso solilóquio que constitui a totalidade do texto, parece corresponder a René Descartes, o famoso matemático francês do século XVII. Postado sob uma árvore do Jardim Botânico de Recife, entre as lentes de sua luneta e o cachimbo de erva narcótica que vorazmente aspira, Cartesius toma contato com a selvagem natureza brasileira, ainda que (cartesianamente) organizada sob as formas de um jardim zoobotânico. Este artigo pretende investigar, a princípio, o modo pelo qual o romance-ideia de Leminski agencia esse inevitável contraste entre dois Descartes: o Descartes da história da filosofia, autor das *Regras para a direção do espírito*, e o desregrado Cartesius da situação ficcional engendrada por Leminski. Para realizar tal investigação, este artigo procurou se ater a algumas passagens do romance, com o intuito de checar os modos pelos quais a paródica e carnavalesca figuração de Descartes se baseia em uma anticartesiana dissolução da integridade egoica da personagem, gerando, com isso, muito mais que superficial humorismo. Antes, o artigo defende a hipótese de que, com a dissolução da figura de Descartes, o romance esboça antropofágica reação aos processos coloniais a que o Brasil teria sido exposto, ao longo de sua história. Tal reação, contracolonizadora, se sustenta na medida em que associa o esfacelamento egoico de Cartesius ao impacto causado por uma exuberante natureza que, por sua hiperbólica constituição, não se submete às quadraturas impostas pelo pensamento europeu – de que Descartes se faz emblema.

Palavras-chave: Paulo Leminski; *Catatau*; René Descartes; literatura brasileira; estudo de personagem; filosofia.

Abstract: In Paulo Leminski's novel, *Catatau*, a recognizable character is projected: Renatus Cartesius, the immense soliloquy's producer that constitutes the entire text, seems to correspond to René Descartes, the famous 17th century French mathematician. Standing under a tree at the Recife Botanical Garden between the lenses of his bezel and the narcotic weed pipe he voraciously smokes, Cartesius makes contact with the wild Brazilian nature, although (Cartesian) organized in the form of a zoobotanical garden. This article intends to investigate at first the way in which Leminski's novel-idea handles this inevitable contrast

between both Descartes: Descartes from the History of Philosophy, author of *Rules for the Direction of the Mind* and the intemperate Cartesius from the fictional situation engendered by Leminski. To conduct such an investigation, this article sought to stick to some passages of the novel in order to check the ways in which Descartes's parody and carnival figuration are based on an anticartesian dissolution of the character's egoic integrity, thus generating much more than superficial humor. Rather, the article defends the hypothesis that with the dissolution of Descartes's figure, the novel outlines an anthropophagic reaction to the colonial processes to which Brazil would have been exposed throughout its history. This counter-colonizing reaction is sustained insofar as it associates Cartesius's egoic disintegration with the impact caused by an exuberant nature, which due to its hyperbolic constitution, does not submit to the quadrates imposed by the European thought – of which Descartes becomes an emblem.

Keywords: Paulo Leminski; *Catatau*; René Descartes; Brazilian literature; character study; philosophy.

1 Personagens reconhecíveis

A observação do conjunto de textos em prosa narrativa publicados em vida por Paulo Leminski permite ver uma reveladora convergência: em todas essas obras, aparecem personagens que se associam a uma “pessoa real”. Em *Catatau*, o protagonista Renatus Cartesius corresponde ao filósofo René Descartes. Artyczewski, por quem Cartesius espera, corresponde a Crestoffle d'Artischau Arciszewski, militar de origem polonesa que, a serviço da Companhia das Índias Orientais, residiu no Brasil por alguns anos. Occam, o monstro que completa o exíguo quadro de personagens do romance, apesar de sua característica de “personagem descarnado”, meramente semiótico, também parece corresponder a uma pessoa real: o monge Guilherme de Ockham (1300-1349), autor de estudos sobre teologia e filosofia. Com o romance *Agora é que são elas*, de 1984, o mesmo se processa: aparece o Dr. Propp – na realidade, Vladimir Propp (1895-1970), autor da *Morfologia do conto maravilhoso*, publicado em 1928.

O mesmo se poderá dizer, obviamente, das quatro biografias produzidas por Leminski, no período subsequente à publicação do *Catatau*. Em 1983, o autor lança o texto sobre o poeta japonês Matsuó Bashô. Em 1984, quando publica *Agora é que são elas*, volta-se para a figura máxima do cristianismo: lança *Jesus a.C.* Em 1985, dedica a atenção ao poeta catarinense Cruz e Sousa, com *O negro branco*. Completa a tetralogia no ano seguinte, com *Trótski: a paixão segundo a revolução* (1986).

Eis aí um dado considerável: em todas as publicações em prosa realizadas pelo escritor, desde a estreia com o *Catatau* até a edição da biografia sobre Trótski, mais de uma década depois, aparecem personagens que evocam pessoas reconhecíveis. As coincidências, porém, não se esgotam nesse ponto. Um outro dado une as figuras para as quais se volta a prosa leminskiana: todas são produtoras de mensagens que permaneceram, com o correr dos séculos e das décadas, como texto de relevância histórica. Descartes escreveu livros; Bashô e Cruz e Sousa são poetas; Jesus Cristo é Jesus Cristo: orador, ao que tudo indica, dos mais convincentes; Propp é teórico da Literatura, assim como Trótski. Ockhan, um tratadista medieval. Arciszewski, poeta.

Certamente, esse não será um dado casual. Primeiro, por uma questão estatística, haja vista a frequência do procedimento na prosa leminskiana. Ao que tudo indica, Leminski nutre uma certa preferência por “personagens reais”, sobretudo aquelas cujas vidas se viram marcadas pela experiência com o signo linguístico. Segundo, por uma questão de método: é tentadora uma investigação em torno da hipótese segundo a qual Paulo Leminski baseie sua produção narrativa nesse procedimento.

2 O contato preliminar entre leitor e personagem

Fazendo constar, em suas narrativas, “personagens reais”, Leminski inevitavelmente mobiliza o conhecimento prévio do leitor a respeito de cada uma dessas figuras e dos textos que produziram em vida. Isso quer dizer: dificilmente a experiência de leitura se iniciará no momento em que se abra o livro pela primeira vez. O suposto conhecimento prévio a respeito da personagem acaba por estabelecer um diacronismo, através do qual seja possível considerar um momento preliminar (em que o leitor toma contato e “amadurece” uma visão a respeito da figura abordada) e o momento presente, da leitura, em que encontra uma nova e surpreendente figuração.

As surpresas fatalmente estarão presentes, uma vez que três instâncias, mais ou menos estáveis, constam no jogo: 1) a imagem que o leitor guarda a respeito da “pessoa real” a que corresponde cada uma das personagens, bem como das mensagens produzidas em vida por essa pessoa; 2) a figuração realizada a partir da experiência de leitura do texto; 3) a (já inalcançável) pessoa real evocada pelas narrativas e a rede de acontecimentos que supostamente teriam composto sua vida. Aplicando essa

distinção ao Descartes de *Catatau*, três figuras se projetariam: a primeira, a do filósofo, conforme imaginado pelo leitor, antes da experiência com o romance. A segunda, uma imagem que se constrói por meio da experiência com o texto. E, por fim, uma terceira, já inacessível: a pessoa empírica do pensador francês.

3 Conhecimento prévio, frustração posterior

O conhecimento prévio de um ou outro dado a respeito das personagens inevitavelmente estabelecerá uma baliza, uma referência, da qual a figuração leminskiana se afastará ou se aproximará, gerando uma experiência que pode ir da convergência ao descompasso, do atendimento de uma expectativa a uma frustração completa, mas de qualquer maneira produzindo surpresa (na maior parte das vezes, humorística).

Renatus Cartesius, protagonista do *Catatau*, será surpreendente a cada palavra que pensa/profere, e muito dessa surpresa advém de sua correspondência (ou falta de correspondência) com René Descartes. O emissor é identificado pelo texto do romance já na primeira linha, de modo a gerar o reconhecimento imediato do leitor (através da referência ao *cogito* cartesiano),¹ mas o correr das páginas e o desenvolvimento do longo solilóquio inevitavelmente produzirão estranhamento – em primeiro lugar pela singularidade estilística do texto, mas também, e como decorrência disso, pelas surpresas envolvidas nesse jogo em que uma instância ficcional parece não corresponder a um dado “real”.

É no âmbito desse contraste que a personagem acaba por se definir (ou melhor, se redefinir, ao que, paradoxalmente, se indefina), emergindo entre as duas pontas de um eixo a que falta qualquer tipo de mediação: de um lado, uma imagem do Descartes histórico, previamente figurada pelo leitor; de outro, as formulações da personagem do romance, que constituem o único e delirante dizer projetado pelas páginas do *Catatau*. A surpresa vem do contraste entre os elementos das duas pontas: não seria de se esperar que um texto daquela natureza fosse produzido por um emissor como o René

¹ “ergo sum, aliás, Ego sum Renatus Cartesius, cá perdido, aqui presente, neste labirinto de enganos deleitáveis, — vejo o mar, vejo a baía e vejo as naus. Vejo mais.” (LEMINSKI, 2004a, p. 13)

Descartes da história da filosofia. Ao que tudo indica, o “barrocodélico”² solilóquio de Cartesius não condiz com o pensamento do matemático e filósofo das ideias claras e distintas.

Diante de tantos contrastes, uma figura como Descartes, verdadeiro patrimônio da história do pensamento europeu, “renasce” para o leitor (René/Renatus: “renascido”). Não porque se transforme com o correr das páginas – o Cartesius da última linha parece ainda ser o delirante personagem da abertura do romance –, mas porque não se ajusta a uma imagem previamente definida e consolidada como “ponto pacífico” da história da filosofia.

4 Desconstruindo Descartes

No *Catatau*, tal processo de desconstrução (e a relativização que lhe serve de base) será determinado por uma experiência da personagem com o espaço. O romance faz supor – e apenas faz supor, uma vez que a voz enunciativa não se pronuncia a respeito – que Descartes se transforma com o deslocamento: seria um na Holanda, outro no Brasil. O primeiro não produziria surpresa: seria o “Descartes de sempre”, agindo e pensando mais ou menos de acordo com um padrão desenvolvido por ele mesmo. Já o Descartes do Brasil, excessivo, surpreende a cada fala que profere.³

A experiência com o tempo exercerá semelhante influência sobre a personagem. Suas construções mentais, consolidadas no passado, parecem não encontrar aderência na experiência presente. De nada lhe servem os

² A expressão é de Haroldo de Campos (1989).

³ É claro que essa transformação faz com que a inteligência do texto se amplie, incidindo não apenas sobre um processo pessoal (o de Descartes), mas também sobre a dimensão espacial em que tal transformação se realiza. Nesse sentido, o Brasil, por suas supostas características de espaço selvagem, primitivo, bestial, é figurado como um ambiente incapaz de validar o pensamento cartesiano. A questão será inevitável: que tipo de espaço, ou de realidade, seria capaz de comprometer tão radicalmente o discurso cartesiano? Indiretamente, Leminski cria, através do seu romance, a ocasião para que se manifeste uma certa – ou, ainda que expressiva, incerta – imagem do Brasil. A esse respeito, afirma José Miguel Wisnik (KASPCHAK, 1999): “*Catatau* traz questões fundamentais e antecipa, de forma original, uma interpretação da realidade brasileira a partir do mote central do texto: a hipótese de Descartes (filósofo francês René Descartes) ter vindo ao Brasil com Maurício de Nassau (militar holandês que ocupou o Nordeste no século XVII). Esta intuição do Leminski tem consequências filosófico-literárias que o colocam entre os grandes intérpretes do Brasil, como Machado de Assis, Mário e Oswald de Andrade e Guimarães Rosa”.

esquemas, fórmulas, métodos, diante de um objeto que, por sua exuberância, esquiva-se a qualquer tipo de apreensão racional. O que Descartes manifesta, por meio de suas formulações, será índice dessa crise, vivida por uma subjetividade insegura e desconcertada (em nada condizente com a imagem de um pensador que pretendeu se guiar pelas certezas tomadas de empréstimo das ciências matemáticas).

A propósito dessa incapacidade de aderência de uma construção do passado a uma experiência presente, Leminski (2004b) menciona a “eterna inadequação dos instrumentais consagrados, face à irrupção de realidades inéditas”. Todo o projeto narrativo do autor parece girar em torno da elaboração de situações em que tal inadequação se manifesta. No romance, isso se realiza nas mais diversas camadas da experiência romanesca, envolvendo não apenas o impasse da personagem, incapaz de aplicar seu cartesianismo à “monstruosidade” do Jardim Botânico, mas também a perplexidade do leitor, igualmente incapaz de aplicar uma imagem cultivada no passado a um Descartes não menos “monstruoso” e surpreendente.

5 O impasse de Descartes

É frequente que se interprete a situação encenada pelo romance-ideia *Catatau* como um momento de impasse, desencadeado pela incapacidade do pensador estrangeiro de aplicar seus conceitos e métodos à natureza que encontra no Jardim Botânico de Recife. O próprio Paulo Leminski (2004b) afirma algo nesse sentido: “o *Catatau* é o fracasso da lógica cartesiana branca no calor, o fracasso de leitor em entendê-lo, emblema do fracasso do projeto batavo, branco, no trópico”. De fato, não é raro que a personagem emita, em algumas passagens, sinais de perplexidade, mesmo de perturbação, diante da natureza brasileira:

O silêncio eterno desses seres tortos e loucos me apavora (LEMINSKI, 2004a, p. 16).

Este mundo é o lugar do desvario, a justa razão aqui delira. Pinta tanto bicho quanto anjo em ponta de agulha bizantina, a insistência irritante desses sisteminhas nervosos em obstar uma Idéia! Nunca se acaba de pasmar bastante, novo pânico põe fora de ação o pensamento (LEMINSKI, 2004a, p. 18).

Os bichos zombam dos sábios: montam uma peça mais perfeita que o laboratório da torre de cujas efemérides é a réplica em efígie (LEMINSKI, 2004a, p. 42).

Nos casos em que se realiza uma percepção mais sensível à natureza do objeto que aos parâmetros adotados pelo sujeito que percebe, seria de se empregar um tipo de isenção que garantisse o livre acolhimento dos dados emitidos pelo objeto, sem que as próprias expectativas ou significações se sobreponham a esses dados, de modo a corrompê-los indevidamente. O descompasso entre o Cartesius ficcional e a natureza brasileira, quando se manifesta, é desencadeado justamente pela maneira pela qual sua subjetividade agencia o processo de percepção. Por se ater, a princípio, mais à própria lógica, estabelecida previamente em um contexto europeu, que à “lógica” dos seres que encontra, o olhar de Cartesius acabaria por inverter o circuito, apresentando-se, portanto, mais como projeção que como recepção. Isto é, (a projeção) como uma tentativa de atribuição de dados, cultivando, como expectativa, a esperança de que se realize a aderência desses atributos aos objetos. O que se passa é que a natureza brasileira acaba por se revelar, perante Descartes, como esquiva a essa aderência.

Isso quer dizer: procurar por um certo formato do corpo dos animais, ou pelo ritmo de seus movimentos, ou por sinais de agressividade, ou qualquer coisa nesse sentido, significa conceber o objeto à luz de sua própria lógica, de modo que os parâmetros pelos quais tal lógica se delineia se imponham ao objeto de modo frequentemente insensível, suplantando a natureza desse objeto, rebocando-a em nome da imposição de uma quadratura, de um padrão, de um sistema, muito mais afinados com os parâmetros do observador que com as qualidades do ser observado (TEIXEIRA, 2018, p. 102).

Uma passagem do *Catatau* sugere algo nesse sentido: “O que se esconde por trás do que vejo, ilumino com a chama do que sei” (LEMINSKI, 2004a, p. 129).

6 Ver é uma fábula

“Ver é uma fábula, – é para não ver que estou vendo” (LEMINSKI, 2004a, p. 32), afirmará Cartesius, apontando o caráter construtivo, logo, suspeito, de uma visão que tende a comprometer a especificidade do objeto

em nome de uma generalização empobrecedora. A paradoxal afirmação “é para não ver que estou vendo”, aliás, reforça a tese da inevitável fabulação (ato criativo) realizada por quem vê, por considerar a possibilidade da ocorrência de um descompasso entre a realidade do que é visto e o resultado (construtivo) de sua percepção. O Cartesius leminskiano, aliás, produzirá uma metáfora a respeito do comprometimento da realidade do visível em função da lógica adotada pelo vidente: “Matar para garantir o método: aquele olhar te olhando é pensamento e isso arde”. (LEMINSKI, 2004a, p. 47).

A percepção do outro como um sujeito, dotado de pensamento e de olhar incisivo, fazendo-se presente como uma grandeza capaz de gerar intimidação, será realizada por Cartesius como capaz de produzir incômodo só traduzível por um dado sensorial: “isto arde”. Não encontrando diante de si um objeto inferior, passível de ser dominado, só lhe restaria uma postura defensiva, baseada no recurso ao sacrifício – não porque cometa um ato de violência física contra o animal que lança o olhar inquietante, de modo a produzir sua eliminação, mas porque dirija a sua percepção no sentido de minimizar a grandeza de uma presença tão incômoda. Na passagem seguinte, a ideia de sacrifício também se faz presente: “O observador destrói a coisa observada, a percepção é a pior catástrofe que sobre nós tem se abatido por estes trechos” (LEMINSKI, 2004a, p. 108).

Há um quê de fatalismo na maneira pela qual o surpreendente Cartesius de Leminski (2004a, p. 47) concebe o processo de percepção – “pior catástrofe que sobre nós tem se abatido” –, o que acaba por associar tal processo a um incontornável prejuízo. Mas a sua pessimista constatação não produzirá a descontinuidade do processo. Ao contrário, a personagem segue percebendo – o volumoso texto de seu solilóquio o comprova. A cada página, o estado de perplexa euforia se mantém. É nesse ponto que entra em ação a força subversiva de Occam: diante do impasse, o discurso do Cartesius leminskiano deixa de ser apresentar como um conjunto de formulações certeiras e definitivas, para se projetar como tateante abordagem da realidade que encontra no Brasil.

7 Linguagem contaminada

A palavra “tateante”, aliás, soa a propósito, uma vez que é pelo discurso que a personagem aborda (toca, tateia) a natureza brasileira. O aspecto algo monstruoso do texto que resulta dessa abordagem, até

pelo contraste que estabelece com o que se poderia esperar de um texto verdadeiramente cartesiano, sugere a ocorrência de um frutífero processo de contaminação, responsável pela incorporação, pelo discurso, da indefinível força da realidade brasileira – como se estivesse em ação algo como uma possessão demoníaca (ou dionisiaca; ou “occânica”).

Dizendo de uma outra maneira: se, por um lado, o impacto gerado pela percepção de formas exóticas chega a transtornar o pensamento de Cartesius, por outro lado é justamente o contato com essas formas que vai lhe proporcionar uma outra lógica (analogica) de linguagem. O pensamento de Cartesius não é capaz de apreender a realidade do Jardim Botânico. Não é capaz de traduzir essa realidade por meio de uma formulação racional. Mas será capaz de, poeticamente, incorporar os dados dessa realidade viva e de produzir um pensamento-frase que, de uma maneira muito singular, se projete como uma “continuação”, mais ou menos diferenciada, dessa realidade.

Um pensamento, portanto, tão caótico quanto o intrincado de flores e frutos da exuberante natureza do Jardim Botânico de Recife. Como se esse pensamento-frase fosse mais um dentre tantos frutos produzidos pela natureza selvática – e, aliás, “crescesse”, monstruosamente, como eles – o que acaba por atribuir ao texto uma feição de organismo, de corpo, de ser vivo. O texto de Cartesius não seria, por tudo isso, um texto sobre o Brasil. Antes, apresenta-se como um texto sob o Brasil.

Adotada esta postura, o que se manifesta é um Descartes já convertido da posição de colonizador para a condição de mais um dentre tantos seres monstruosos que compõem o Jardim Botânico de Recife. Nesse sentido é que se pode falar em uma contracolonização: a natureza brasileira, pelos atributos que possui, esquiva-se às quadraturas impostas pelo estrangeiro dominador, de modo que “o feitiço vire contra o feiticeiro” e o dominador passe a assumir o papel de figura dominada. No *Catatau* de Leminski, quem “coloniza” é a realidade brasileira.

8 Método do discurso

Mantenho a dizer o que faço. Não preciso dizer nada, basta o que eu já disse. Cá estou, vivendo e aprendendo. Estou aprendendo o que estou dizendo. Não estou dizendo? Já deu no mesmo, de novo (LEMINSKI, 2004a, p. 52).

No *Catatau*, a lógica de contaminação, na medida em que estabelece um processo de continuidade – pelo qual um ser “continua” uma característica de outro –, se coloca como diametralmente oposta ao método da análise, distinção e clareza cartesianas, fundamentalmente baseado na ideia de contiguidade (sujeito e objeto postos lado a lado, supostamente isentos, um e outro, de qualquer tipo de contaminação, graças a uma asséptica descontinuidade e a um analítico desmembramento do objeto a ser estudado).

Mesmo a distinção entre o pensamento e o discurso, realizados pelo Cartesius ficcional, se revela impossível. Uma distinção cartesiana, nesse caso, inevitavelmente procederia a um desmembramento do tempo, de modo que dois momentos se revelariam: um primeiro, em que se realiza o pensamento; e um segundo, em que esse pensamento, para usar uma expressão de Merleau-Ponty (1994), fosse “vestido” por uma formulação. Quando se leva em consideração a lógica presentista da obra, em que tudo se dá nesse eterno agora que invariavelmente se dissipa, o mais apropriado seria considerar o jogo entre pensamento e discurso como um dado de instantaneidade, pelo qual um “contamina” o outro, revelando-se, portanto, indistintos.

A primeira oração da passagem acima transcrita, extraída do *Catatau*, parece reforçar a hipótese de que, no romance, o fusionismo, de uma maneira geral, se sobreponha à distinção. “Mantenho a dizer o que faço”, oração ricamente ambígua, sinaliza tanto para uma vulgar afirmação de quem supostamente declara o que faz – “sempre digo o que faço” –, quanto para uma (muito mais complexa) operação de fusionismo, envolvendo, em um mesmo instante, ato e a linguagem. Adotada essa postura, é como se a personagem afirmasse: “eu digo ao que faço”. Ou: “no mesmo tempo em que faço, digo”. Do que poderia derivar: “nada faço sem que o diga”. No primeiro caso, vigoraria uma distinção entre o ato, realizado no passado, e o presente, em que tal ato é relatado: primeiro faço, depois digo. No segundo, ato e declaração se fundem em um mesmo momento presente.

Pois o que o Cartesius do *Catatau* parece fazer é justamente tomar contato com o Jardim Botânico de Recife, e esse fazer coincide com um dizer. Trata-se, portanto, de um presentismo levado às últimas consequências, reforçado pela encenação do fracasso de tudo o que se produz no passado (o instrumental cartesiano; os dizeres livrescos; os mais diversos provérbios; o romance enquanto fabulação; a imagem de René Descartes previamente figurada pelos leitores).

Esse fusionismo presentista autoriza a pensar que o discurso de Cartesius, mais que um modo de se distinguir, de analisar, de desmembrar para entender, realiza-se como um modo de contato, de integração, de identificação. Aceita essa possibilidade, parodiando um dos títulos mais famosos de Descartes (“O discurso do método”), é que se poderia conceber a abordagem de Cartesius como um “método do discurso”. É pela palavra, pelo discurso, que Cartesius se integra à (para ele) monstruosa natureza do Brasil.

9 Estou aprendendo o que estou dizendo

Curioso é que a fusão entre o gesto e a linguagem, acima aventada, corresponda à também mencionada fusão entre linguagem e pensamento, de modo que, em um caso como no outro, a produção de enunciados não se coloque necessariamente como um momento posterior ao pensamento ou ao gesto, mas como um modo pelo qual o pensamento e o gesto podem se realizar. Na passagem “estou aprendendo o que estou dizendo”, o insuperável presentismo do *Catatau* também se manifesta, de modo a fundir, em um mesmo gesto (e em um mesmo momento), ações tendencialmente consideradas como distintas. O mais usual é que se diga posteriormente o que se aprendeu anteriormente: primeiro se aprende, depois se diz. A declaração de Cartesius subverte a convenção – é com o dizer que se aprende. Isso gera duas implicações decisivas. Em primeiro lugar, isenta o dizer da necessidade de um entendimento prévio: é possível afirmar alguma coisa mesmo quando há algo a se aprender sobre ela. Em segundo, considera a linguagem não necessariamente como um ponto de chegada, mas como um ponto de partida. Não como fim, mas como meio (método).

Um exemplo de como tal operação pode se realizar: na passagem em que volta sua atenção para um bicho-preguiça, quando formula – “requer uma eternidade, para ir dez palmos, esta alimária, imune ao espaço, vive no tempo” – Cartesius, apesar de se revelar perturbado pela singularidade do que avista, parece adotar uma outra via de contato com a cena, diversa da via do entendimento, ao refazer, com a sequência de breves sentenças separadas por vírgula, o ritmo fragmentado e moroso da evolução do animal ao longo de sua trajetória, tão estranha quanto capaz de transcender a dimensão do espaço para (monstruosamente) se desenvolver na vaga dimensão do tempo. Servindo-se, mais uma vez, do jogo entre as preposições “sobre” e “sob”, seria possível afirmar que, com essa passagem, Cartesius não

necessariamente fale sobre o movimento do animal. Ao contrário, parece falar sob o animal. Isto é, sob a influência de seu singular movimento.

10 Mantenho a dizer o que faço

Ainda considerando a passagem acima transcrita – “Mantenho a dizer o que faço. Não preciso dizer nada, basta o que eu já disse. Cá estou, vivendo e aprendendo. Estou aprendendo o que estou dizendo. Não estou dizendo? Já deu no mesmo, de novo” (LEMINSKI, 2004a, p. 52) –, a sentença “não preciso dizer nada, basta o que eu já disse” merece ser observada, uma vez que pode ser lida tanto como uma declaração de independência em relação à necessidade de dizer algo quanto como uma menção, ainda que indireta, a tudo o que o Descartes da história da filosofia teria dito. Tal declaração de liberdade assumiria, nesse caso, papel decisivo para o estabelecimento das condições necessárias para que o Cartesius de *Catatau* pudesse se valer de um método diverso do que supostamente vinha adotando. Nesse sentido, quando afirma “basta o que eu já disse”, a palavra “basta” poderia transmitir a ideia de uma suficiência (“isso é o bastante”), mas também de uma descontinuidade, de um rompimento com um passado, como se o “basta” sinalizasse para a necessidade de uma interrupção.

A sentença seguinte, proverbial, “cá estou, vivendo e aprendendo”, não apenas sinaliza para este novo modo de contato de Cartesius com a natureza brasileira, já isento da influência de tudo o que havia dito, como também estabelece uma baliza radicalmente presentista, com o emprego do gerúndio e do “cá estou”, máxima expressão da experiência no aqui-agora. Com essa evidente demarcação da experiência no presente, Descartes acaba por produzir um contraste com o passadismo do que foi mencionado na sentença anterior, “basta o que eu já disse”, o que traz de volta à cena o frequente jogo pelo qual passado e presente, postos em oposição, sinalizam: o passado, para uma ideia de conservadorismo/repetição/imposição insensível do que não necessariamente encontrará aderência no momento presente; o presente, para uma ideia de liberdade/novidade/juventude/desimpedimento da percepção (temas tão caros ao momento contracultural da década de 1970, momento em que o *Catatau* foi escrito).

É no sentido de encenar não apenas uma ou outra operação de que se revelará capaz (isto é, ou a passadista postura cartesiana ou a presentista contaminação dionisíaca), que o discurso de Cartesius coloca em cena, nesta

passagem, o embate entre as duas. A sugestão de que aprenda ao dizer, bem como a menção a uma liberdade, de que poderia dispor, face a tudo o que teria dito, diz respeito a uma experiência presentista. Mas o estabelecimento da figura da anadiplose, nas passagens subsequentes, dá ocasião a que uma lógica cartesiana, analítica, ainda que parodiada, seja flagrada em performance: “Cá estou, vivendo e aprendendo. Estou aprendendo o que estou dizendo. Não estou dizendo?”.

Isso porque seria de se supor que o estabelecimento da anadiplose – figura de linguagem pela qual uma ideia, imagem ou palavra que encerra uma sentença seja retomada no desenvolvimento da seguinte – favoreça uma progressão cartesiana do enunciado. Traduzindo para a linguagem coloquial, é como se “isto levasse àquilo”, de modo que, justamente pela ocorrência de uma lógica, os significados se projetem com clareza. O que se passa é que o campo semântico da sentença se vê tumultuado pela ocorrência de termos já desgastados pelo uso cotidiano. Esse é o caso de “vivendo e aprendendo” e “não estou dizendo?”. O resultado: apesar da ocorrência dessa suposta lógica, os significados não necessariamente se apresentam com a clareza esperada, o que acaba por produzir humorismo. Nesse sentido, a frase “não estou dizendo?”, ambígua, portanto imprecisa, assumiria um sentido irônico, na medida em que, sem tornar explícito o dado da insegurança quanto à efetividade comunicativa do dizer e do pensar, oferece ocasião para que tal ideia se insinue. “Já deu no mesmo, de novo”: a conclusão do pensamento-formulação, sinalizando para uma insatisfatória recorrência de um “mesmo”, só faz reforçar a ideia de que um impasse – uma falha do método cartesiano – uma vez mais se estabeleceu.

11 Descartes contaminado

Aceita a hipótese de que as palavras de Descartes lhe sirvam mais como modo de acesso às componentes mais esquivas da natureza brasileira que como modo de afirmar a sua lógica, bem como a suposição de que o pensamento, gesto e linguagem de Cartesius, fundidos em um presente em que tudo se dissipa, não necessariamente se distingam uns dos outros, seria de se supor que a contaminação de seu discurso pelos aspectos mais monstruosos da natureza brasileira envolva também a contaminação de seu pensamento pelos mesmos aspectos; o que não apenas desencadearia

a ruína de sua lógica, como também o comprometimento de seus próprios aspectos ontológicos.

No *cogito* cartesiano, a certeza quanto ao ser se produz justamente pela certeza do pensamento: *cogito ergo sum*. Diante da natureza brasileira, e do colapso que tal natureza desencadeia em seu pensamento, a quantas poderia andar a certeza de Cartesius quanto a sua própria existência? Tateante, inseguro ou delirante, o Cartesius de Leminski não se cala. Ao contrário, a exuberância dos seres tropicais e a volúpia do sensorialismo experimentada pela personagem acaba por viabilizar o contrafluxo de uma operação que se pretendeu impositiva: o sujeito não se impõe, como desejaria, sobre o objeto; mas o objeto, por sua singularidade (e também pela sensibilidade estrangeira de Descartes, aguçada pelos princípios ativos da dionisíaca erva que fuma), se impõe ao sujeito. O vidente se vê arrebatado pelo visível, o pretense dominador passa a ser dominado, possivelmente haverá pouco de cartesianismo nos seres que observa, mas o contrário se verifica: o Descartes de Leminski se vê a tal ponto arrebatado pelos seres bestiais que, não raramente, emita, pelo seu solilóquio, sinais de um perturbador estado de possessão:

Em autópsia, achar este mundo entalado em minha garganta (LEMINSKI, 2004a, p. 71).

O assunto me muda (LEMINSKI, 2004a, p. 61).

O mundo inchando, o olho cresce (LEMINSKI, 2004a, p. 18).

Cabeça vai a Roma, fica cheia de latim (LEMINSKI, 2004a, p. 71).

Cada um sabe o que faz exceto eu que só faço o que as coisas mudam (LEMINSKI, 2004a, p. 90).

Mudei muito. Dá para ver daí? Cuidado com o que não muda (LEMINSKI, 2004a, p. 78).

É preciso reafirmar o valor metonímico dos dois objetos de que se serve Descartes, em sua cênica posição, jazendo sob certa árvore do Jardim Botânico pernambucano e dividido pelo dualismo em que, aliás, sua filosofia se assenta: numa das mãos, porta uma luneta de lentes cambiáveis. Em outra, um cachimbo dotado de erva narcótica, possivelmente a maconha – “acompanhar a preguiça dos bichos, apanhar sereno esperando Artyscewski cansa e fumar isto dá uma fome!” (LEMINSKI, 2004a, p. 30). A oposição entre os dois objetos representa emblematicamente esse duplo modo de interação de Descartes com os seres à sua volta: as lentes apresentando-

se como filtros, moldes que se aplicam ao olhar, associáveis ao projeto cartesiano pelo qual o sujeito estabelece um distanciamento do objeto, percebendo-o em função de parâmetros estabelecidos previamente; enquanto o cachimbo associa-se à experiência epifânica, dionisíaca, de quem se deixa contaminar pelos seres que observa (LEMINSKI, 2004a, p. 256).

De fumar a boca se enche de terra e a cabeça de uma água quieta. Nenhuma sombra de dúvida se retrata no ponto em branco de meu *mirabilis fundamentum* que não seja indício da irrupção de novas realidades. Que signos abriam as cortinas que separavam meus métodos das tentações dos deuses destas paragens? (LEMINSKI, 2004a, p. 42)

Investindo mais profundamente na relação metonímica estabelecida pelos dois objetos, seria de se reconhecer na luneta um aceno para o projeto da colonização, baseado no estabelecimento da própria posição como sujeito capaz de se sobrepôr a todos os seres ao redor, reduzidos à paralisante e inferior condição de objetos.⁴ Já o cachimbo poderia ser considerado como emblema do processo de contracolônização, pelo qual o sujeito, ao invés de invadir e dominar, sente-se como que “invadido” e dominado (“de fumar a boca se enche de terra e a cabeça de uma água quieta”).

Esse princípio de contaminação e possessão, aliás, se revela também quando outros seres, animais ou vegetais, se colocam ao alcance de sua vista. Isso se verifica, por exemplo, nas sentenças: “Abaixo as metamorfoses desses bichos, — camaleões roubando a cor da pedra!” (LEMINSKI, 2004a, p. 32); “Pedra encarnou no preguiça, esse aí, sempre aí!” (LEMINSKI, 2004a, p. 89).

12 Desgorilando-se rapidamente

Diante desse princípio de contaminação, é frequente que o Descartes do *Catatau*, possuído pelas formas monstruosas que tem diante de si, emita sinais do esfacelamento de sua própria identidade. Nesse sentido, há uma passagem

⁴ Assumida essa posição, não é fortuito que a percepção dos outros seres como dotados de pensamento inquietem Descartes, para quem “isto [a incisividade do olhar pelo qual se manifesta a ocorrência de um pensamento] arde” (LEMINSKI, 2004a, p. 47).

emblemática: “O gorila olha o espelho e vê Descartes, Cartesius recua o gorila, e pensa, desgorilando-se rapidamente” (LEMINSKI, 2004a, p. 87).

O trecho acima é uma das raras passagens em que se revela uma (ainda que mínima) narratividade.⁵ Alguma coisa acontece. Dois sujeitos, o gorila e Descartes, estabelecem uma relação entre si: um avista o outro, mediados por uma das lentes – apresentada, aliás, como um espelho, o que reforça a ideia de identificação entre os dois sujeitos. Essa comprometedora identificação só se desfaz, por iniciativa de Cartesius, quando o gorila é recuado, não através da remoção de seu corpo físico, mas através do enfático afastamento de um dos aspectos desse corpo – sua imagem – mediante o movimento da lupa. Mas o simples afastamento da imagem do gorila, realizado por Descartes (que foi, na vida “real”, um cientista da dióptrica, é preciso lembrar), não se revela o único procedimento capaz de produzir a “desgorilação” de seu ser. Há um dado, apresentado pelo discurso, que complementa a operação: “e pensa”. Pensar, nesse caso, envolveria superar o princípio de contaminação (associável ao cachimbo, bem como aos trópicos alucinantes), em nome da recuperação da distinção cartesiana entre sujeito e objeto (associável à luneta). Nessa passagem, como em “matar para garantir o método”, ou em “versar com as pessoas é dividir o todo que somos em partes”, a atitude racional se coloca como inevitavelmente marcada pelo prejuízo da percepção:

Pensar sempre acaba com alguma coisa, carrasco da imaginação, um mal danado de bom bocado. (LEMINSKI, 2004a, p. 79).

Estrada não se dá com mapa (LEMINSKI, 2004a, p. 82).

A mente vê tudo numa perspectiva trágica, bem melhores são as coisas (LEMINSKI, 2004a, p. 82).

Aboli este mundo num dia de pensamento. Não me interessa quem sabe: nenhum olho para me ver, exceto bestas. Sou a imensa pergunta (LEMINSKI, 2004a, p. 111).

Se pensar corresponde a superar o processo de contaminação e recuperar a capacidade analítica, em função da qual se pode recuperar

⁵ Na medida em que evita a narratividade, o discurso do *Catatau* reforça o teor presentista da obra. Toda narração comporta uma distinção temporal, uma vez que as situações narradas se sucedem no tempo. Abdicar desse procedimento corresponderia, portanto, ao projeto de inviabilização de qualquer sinal de passado.

igualmente uma imagem de si definida como uma individualidade distinta, não pensar, por exclusão, corresponderia ao esfacelamento, à dissolução do eu, à empatia, à contaminação, ao exercício poético, à libertação das amarras da lógica e dos instrumentais do passado, ao excesso, ao delírio, à “gorilização”, ao *satori*, à epifania dionisiaca, ao contracultural desbunde psicodélico, tão em voga na época de publicação do *Catatau*.⁶

Não é fortuito que, na passagem, antes da recuperação de sua habitual coesão egoica, a situação seja narrada por meio de um foco narrativo em terceira pessoa – “O gorila olha o espelho e vê Descartes” –, o que deve ser notado como um dado de excepcionalidade, dada a tendência, observada no romance, ao foco narrativo em primeira pessoa. Na medida em que a modulação do foco narrativo (que é também uma modulação de perspectiva) se efetiva, compromete-se a atribuição clara de papéis entre sujeito e objeto, uma vez que se impõe uma voz narrativa que assume o papel de sujeito da percepção, a despeito da presença de Descartes.

Imerso na alucinante natureza brasileira, ao passo que se integra à rede de mútuas contaminações que a compõe, Cartesius, justamente porque volta sua percepção também para si mesmo, experimenta o próprio corpo, nos estertores de um pensamento ainda cartesiano, como mais um dado de monstruosidade mutante. Tal processo, obviamente, reforça o teor dissipativo das componentes ontológicas que porventura poderiam definir o ser dos objetos com que se depara o Descartes do *Catatau* (inclusive ele mesmo) – tudo parece estar por um fio –, mas interessa também porque coloca em xeque o princípio cartesiano da certeza. Se a dúvida hiperbólica de Descartes conduziu a uma certeza em relação a sua própria existência, amparada pela percepção de um eu que pensa, o processo de contaminação vivido pelo Cartesius leminskiano inevitavelmente estabelece o primado da incerteza. Com isso, é como se o *Catatau* refizesse a dúvida de Descartes, agora insanável, por uma outra via: o Brasil. O que acaba por ecoar o aforismo de Oswald de Andrade (TELES, 1976) – “Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós”.

Na oração seguinte, porém, Cartesius recupera a posição do sujeito colonizador, livrando-se da condição de objeto à medida em que recompõe sua identidade de pensador, até então comprometida pela promiscuidade

⁶ Assim compreendido, o ato de pensar parece corresponder às concepções de Alberto Caiero, para quem “pensar é estar doente dos olhos”. (PESSOA, 2018).

ontológica experimentada com o gorila: “Cartesius recua o gorila, e pensa, desgorilando-se rapidamente”.⁷ “Rapidamente”, nesse caso, sugerindo mais a preocupação de Cartesius em se ver livre do constrangimento em que se encontrava (de quem se vê destituído da superioridade colonizadora) que a velocidade com que desempenha a ação.

13 De quem será este arrepio que não para de passar?

Serão frequentes, no *Catatau*, as passagens em que o comprometimento da distinção egoica do Cartesius leminskiano se manifesta. Por exemplo, na passagem “de quem será este arrepio que não para de passar?” (LEMINSKI, 2004a, p. 44), a teratológica pergunta lançada pelo personagem sinaliza para uma concepção nada cartesiana de si mesmo. Os desdobramentos possíveis são muitos: Cartesius pode estar aventando uma hipótese de possessão, pela qual teria sido contaminado pela experiência (o arrepio) de algum ser, como se tivesse se integrado, pela observação, à coisa observada; ou transtornado pela incapacidade de reconhecimento – o eu que formula a pergunta não se reconhece no eu que sente o arrepio.

Também na passagem “Alguém está pensando no meu entendimento ou já criei bicho na memória?” (LEMINSKI, 2004a, p. 44), manifesta-se o processo de estranhamento do próprio ato de pensar. Um estranhamento, aliás, apresentado por meio de formulação isomorficamente estranha. Tal estranhamento se dá, em primeiro lugar, pela consideração do entendimento e da memória como dados espaciais. A preposição *em*, embutida nas contrações *na* e *no*, empregadas antes de cada um desses termos, induz à consideração desses substantivos abstratos como lugares, dados físicos, em que alguém pode estar pensando (no entendimento) ou onde Cartesius pôde ter criado bichos (na memória). Tal conversão, de um dado abstrato em um dado físico, por se realizar como subversão de uma lógica habitual, confirma a tendência à fisicalização, assumida pelas mais diversas instâncias do *Catatau*, como aceno para uma experiência em que a *res cogitans* se confunda com a *res extensa*, de modo que, por esse fusionismo, emblematicamente, o sensorial

⁷ A respeito do neologismo “desgorilando-se”, é preciso notar seu caráter de vocábulo monstruoso. Aqui, mais uma vez, revela-se o princípio da semelhança: para significar uma experiência pela qual Descartes afigura-se monstruoso perante si mesmo, vem a calhar um significante igualmente marcado pela monstruosidade.

carnavalize o espiritual, o significante carnavalize o significado, o delírio carnavalize o entendimento.

É proveitoso perceber que a consideração do entendimento e da memória como dados espaciais, como lugares dominados por fatores estranhos que a personagem não consegue identificar, não deixa de evocar, em um certo sentido, o tópico da colonização. Como as experiências de colonização costumeiramente envolvem o campo espacial, isto é, o território, a espacialização da memória e do pensamento, dominados por seres outros, acena para uma inversão da lógica colonial: no *Catatau* de Paulo Leminski, o invasor é que se vê “invadido”.

Vale notar, no *Catatau*, outras passagens em que Cartesius, em função do esfacelamento da sua própria noção de si, emita sinais de um distanciamento de seu próprio eu, ou de estranhamento do que pudesse se constituir como uma manifestação de seu *self*, ele mesmo se concebendo, para usar os termos da canção de Caetano Veloso, como um “objeto não identificado”

Eu, contemporâneo do meu fantasma, olho-me no espelho e vejo nada (LEMINSKI, 2004, p. 69).

Dei de ser outro. Outro é bom mas é muito longe (LEMINSKI, 2004, p. 71).

Quaestio de rebus mundi: ai de quem for achado como eu, desleixado do eu, esquecido do eu (LEMINSKI, 2004, p. 102).

Tem alguém por aí dizendo o que eu ando falando, respondão, senhor dos ecos e dos gestos! Extinção da vontade do eu, eco no apagar da vela, extinção do eu na extensão do mesmo, atenção para nada de si (LEMINSKI, 2004, p. 102).

14 Paródia, carnavalização e dissolução do eu cartesiano

A carnavalização, conforme proposta por Bahktin, apresenta-se como procedimento frequente no *Catatau* – decisivo, aliás, tanto para o estabelecimento da lógica da contaminação (que aparentemente rege a construção do discurso de Cartesius), quanto para o processo que deriva desse estabelecimento: a dissolução egoica vivida pela personagem. Todo um conjunto de sentenças eruditas, canonizadas pelo correr prestigioso dos séculos, será evocado pelas paródicas intertextualidades realizadas pelo

Cartesius leminskiano, de modo que tal conjunto, distinto pelo que teria de superior, se veja “contaminado” pela força subversiva de Occam e conste no romance como destituído deste condão de superioridade.

Trata-se, nesse caso, de uma contaminação paradigmática, distinta da contaminação sintagmática que se verifica na construção da linearidade do discurso. Nesta, a palavra anterior “contamina” a palavra posterior, imprimindo, em seu campo fônico, aspectos de sua própria sonoridade. Na contaminação paradigmática, um dado não presente no texto, mas que consta no campo das possibilidades (o campo dos paradigmas) – alguma sentença consagrada como erudita, por exemplo –, torna-se presente, já parodiada, no discurso do Cartesius leminskiano. Possível considerar esse tipo de contaminação, aliás, como semelhante à contaminação, pelo monstruoso Descartes brasileiro, do Descartes da história da filosofia. Nos dois casos, um “ponto pacífico”, elaborado no passado, não encontra aderência no presente desestabilizador engendrado pelo romance.

Também a ocorrência de provérbios, igualmente parodiados, trabalha pelo estabelecimento de uma inversão de poderes: sendo uma manifestação popular, o provérbio faz frente ao poder elitista do *establishment*, social e econômico, mas também intelectual. Nesse sentido, o que se percebe, tanto pela carnavalização de dizeres livrescos quanto pelas referências, ainda que paródicas, aos provérbios, é um “rebaixamento” da linguagem como instrumento de questionamento do poder. Assim Régis Bonvincino (1989, p. 23) interpretou tal procedimento:

Verdadeiro *bang bang* no melhor estilo *wild wild west*. De um lado, ALTAS FILOSOFIAS, o mocinho sério e cerebral, e, de outro, PROVÉRPIO, o bandido fuleiro e intuitivo. “[...] A Ralé em geral com sua aptitude de fazer provérbios, dizer bobagens [...]”, declara Renus Cartesius, p. 46, de maneira bastante suspeita... Guerra entre o discurso longo, imperialista e o lampejo breve, terrorista. [...] Ler para crer que os provérbios de ralé, e todos os seus similares, de trocadilhos e anexins, referenciam e amarram, com unhas e dentes, a narrativa do *Catatau* ao mundo popular, à boca do povo, esse “inventalínguas”. E não só ao literário. O que é fundamental em um país subdesenvolvido, colonizado, perdido num baú continental de louros e letras.

Bonvincino (1989) indica, no texto do *Catatau*, alguns casos de provérbios marcados pela subversão paródica. Alguns deles:

Occam, Occam, Occam, por que me abandonam” (LEMINSKI, 2004, p.150).

Morre o ser, fica o signo (LEMINSKI, 2004, p.106).

[...] é muito no cu dum só: vai tomar café nos cafundó de jundiá! Lá onde o céu é pregado com quantas tabuinhas se faz necessário para uma canoa, lá onde o vento faz o chico vir de baixo, a curva (LEMINSKI, 2004, p. 129).

Seguindo essa pista, Daniel Abrão (2007, p. 13) estabelece uma estimulante conexão entre paródia e dissolução do ego, dois procedimentos centrais no *Catatau*:

[a paródia é que] desmonta a unidade do sujeito, abrindo sua identidade em muitas vozes, isto é, abrindo a voz de Cartesius à penetração de diversos discursos sociais, populares, acadêmicos, culturais, numa algaravia de ‘eus’ que se espalham pelo texto.

O efeito dessa dissolução será fundamental para uma situação narrativa em que René Descartes esteja envolvido (ainda que parodiado pela personagem de Renatus Cartesius). Se o *cogito* de Descartes associa a existência do *eu* a seu pensamento, de que maneira se poderá pensar a questão da individualidade em um contexto em que o pensamento se revela frequentemente o pensamento de um outro? Trata-se, nesse caso, ou de uma radicalização do processo de individualização, como se o seu desenvolvimento abarcasse sua própria dissolução – servindo, aqui, a imagem do escorpião encalacrado, conforme proposta por Davi Arrigucci (1973) –, ou de uma negação questionadora, como se a individualização se revelasse impossível em um mundo marcado pela contaminação. De qualquer maneira, é de se perceber, no *Catatau*, o colapso não apenas de uma lógica, mas da própria noção do sujeito, concebida sob a ótica cartesiana. Tanto que, em uma passagem em que a própria formulação do *cogito* submete-se a um processo paródico, Cartesius chega a formular: “Claro que já não creio no que penso. Duvido se existo, quem sou eu se este tamanduá existe?”

Referências

ABRÃO, Daniel. *Poesia e pensamento no Catatau, de Paulo Leminski*. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Biociências e Letras,

Universidade Estadual Paulista, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/106327>. Acesso em: 18 jul. 2018

ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, G. M. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

ARRIGUCCI JR., Davi. *O escorpião encalacrado: a poética da destruição em Julio Cortázar*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. 8. ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.

BONVINCINO, Régis. Com quantos paus de faz um catatau. In: LEMINSKI, P. *Catatau*. Porto Alegre: Sulina, 1989.

CAMPOS, Haroldo de. Uma leminskiada barrocódica. In: FROES, Elson. *Kamiquase*. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <http://www.elsonfroes.com.br/kamiquase/ensaio14.htm>. Acesso em: 16 jul. 2018.

KASPCHAK, Carlão. *Descartes maconheiro?: José Miguel Wisnik analisa Catatau e coloca Leminski entre os grandes*. [S. l.: s. n.], 1999. Disponível em: <http://www.leminski.hpg.ig.com.br/ensaio35.html> Acesso em: 10 mar. 2002.

LEMINSKI, Paulo. *Catatau*. 3. ed. Curitiba: Travessa dos editores, 2004a.

LEMINSKI, Paulo. Descordenadas artesanias. In: LEMINSKI, P. *Catatau*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004b. Edição crítica e anotada, p. 250.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PESSOA, Fernando. *Obra completa de Alberto Caeiro*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patrício Ferrari. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2018.

TEIXEIRA, Danilo Bernardes. *Leitura e metaleitura do Catatau de Paulo Leminski*. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

Recebido em: 1 de agosto de 2020.

Aprovado em: 21 de junho de 2021